

LEITURA E ESCRITA NO BRASIL, HONDURAS, ANGOLA E CHILE: FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA E (RE)PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Marinalva Vieira Barbosa*
Valdir Heitor Barzotto**

Este dossiê apresenta resultados do projeto de pesquisa que leva o mesmo título com que nomeamos esta apresentação e está sendo realizado com o apoio do CNPq (processo **427044/2018-9**). O projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a leitura e a escrita acadêmicas de alunos de diferentes áreas, inseridos em contextos culturais diversos, com vistas a verificar traços definidores dessas produções e problematizar a universidade contemporânea, tanto como espaço de formação de sujeito produtor de conhecimento, quanto, conseqüentemente, como espaço de produção de conhecimento. Trata-se, portanto, de um projeto que, além de tomar um objeto de pesquisa, no caso a leitura e a escrita no ensino superior, incide também sobre as políticas de constituição tanto da formação, quanto da produção do conhecimento na Universidade.

Os docentes e discentes de graduação e pós-graduação envolvidos na pesquisa, autores dos artigos que compõem este dossiê, pertencem a onze instituições de ensino superior brasileiras (USP, UFMA, UFRN, UFBA, UFPA, UEFS, UFSB, IFRO, UFTM, UNIUBE, FATEC) e três instituições internacionais (Universidad de La Serena/Chile; Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe de Angola e Universidad Pedagógica Nacional Francisco Morazán de Honduras). Todos esses pesquisadores procuram observar constantemente o

* Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

** Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade de São Paulo (USP).

que tem se tornado a produção acadêmica frente ao tipo de exigência e avaliação a que está submetida.

Em função disso, tomam como corpus para a pesquisa, da qual este dossiê é um dos resultados, juntamente com o livro *A aula como escrita*, finalizados em 2021, trabalhos produzidos para conclusão de disciplinas e curso de graduação e pós-graduação (tais como: relatórios de estágio, TCC e dissertações de mestrado). Nesse sentido, buscamos apresentar no dossiê resultados que permitam aprofundar o conhecimento atual a respeito das práticas de leitura e escrita produzidas nos percursos de formação realizados pela universidade contemporânea. Essa busca visa a fortalecer os processos de produção de conhecimento na formação universitária, sanando as dificuldades encontradas e garantindo mais consistência na defesa desse conhecimento.

Os autores deste dossiê assumem como ponto de partida a premissa de que a formação na universidade passa centralmente pelo aprendizado da leitura e da escrita, uma vez que, para que haja conhecimento, é necessário que, por um lado, aconteça a apropriação do conhecimento existente numa determinada área de formação e, por outro lado, é preciso haver um sujeito que age sobre o estado presente desse conhecimento de forma a construir novos estados do mesmo conhecimento.

Entretanto, nos últimos anos, no Brasil e em diferentes países, tem sido cada vez mais crescente a preocupação em relação à leitura e à escrita na universidade (BARZOTTO; BARBOSA, 2014; ARCINIEGAS; LÓPEZ, 2007; CISNEROS, 2007; PARRA; LAGO, 2003; SILVA; GOMES; MORHY (no prelo)). Esses estudos apontam que estudantes de diferentes áreas do conhecimento, mesmo quando já estão em final de curso, apresentam sérias dificuldades para apresentar produzir textos que de fato atestem um saber e que possam revelar indícios de produção de novos conhecimentos. São dificuldades que transcendem os limites do mero domínio das regras e estratégias postas como necessárias à produção de textos acadêmicos. Nossas pesquisas têm mostrado que, mais do que dificuldades intrínsecas ao ato de ler e escrever, muitos problemas têm sido causados pelas políticas de formação, entrecruzadas com a defesa de determinadas perspectivas teóricas, propostas por governos e

adotadas por universidades; estas muitas vezes renunciam a sua autonomia, o que tem agravado as dificuldades de produção, registro e divulgação do conhecimento.

Dentre outras, notamos que são características da escrita acadêmica atual resultante das propostas geradas fora da universidade e, por vezes, adotadas por esta mesma universidade, o extremo apego à palavra alheia; os aspectos genéricos e desfocalizados de desenvolvimento do tema; dificuldade para construir argumentos a favor ou contra uma questão específica; e, principalmente, frágil assunção de posicionamento com relação ao objeto de escrita.

A maneira como a escrita tem sido produzida na universidade, a relação frouxa que alunos de diferentes áreas do conhecimento estabelecem com a linguagem, a relação parafrástica com a palavra alheia e a dificuldade para construir argumentos, ainda têm sido pouco discutidas como um conjunto de indícios que aponta para o modo como o sujeito contemporâneo se insere nos universos de linguagens. E, principalmente, tem sido pouco estudado como essa escrita, sendo o produto de processos formativos, chega a configurar-se em um dizer que tenha pertinência a outro que não aquele que vivenciou a própria experiência de produzi-la.

Assim, as questões que procuramos responder nas análises e reflexões desenvolvidas neste dossiê têm sustentação na seguinte premissa: nem toda a escrita realizada na universidade produz conhecimento. O fato de que se produzam relatórios, trabalhos de conclusão de cursos e documentos afins não garante por si só que aqueles que os escrevem estejam experienciando a escrita de modo que possam se inserir e compreender os sentidos presentes nas formações discursivas produtoras de conhecimento da área de formação (FOUCAULT, 1997), nem que seus enunciados tenham potencial de se somar a um corpo de dizeres anterior (para confirmar, generalizar, refutar, polemizar etc.).

Por tudo isso, os pesquisadores que contribuem para o presente dossiê atuam em defesa da universidade como um local de produção de conhecimento e procuram também causas externas para a fragilidade da produção que ela oferece. É possível investir também de que modo os sistemas de avaliação, as

propostas teóricas ou procedimentais que vão ganhado hegemonia, as definições sobre línguas adequadas ou não à ciência, afetam as práticas internas à universidade, tanto de leitura como de escrita. “Esclarecer *em que condições esse processo “falha”* – que concepções, procedimentos ou circunstâncias conduzem a escrita dos alunos em outra direção que não a da produção de conhecimento – e *em que condições esse processo é bem-sucedido*” consiste no tema central das discussões deste dossiê (FAIRCHILD, 2016, p. 06).

REFERÊNCIAS

ARCINIEGAS, E.; LÓPEZ, G. S. **Estrategias metacognitivas para la escritura en la universidad**: perspectivas sobre la enseñanza de la lengua materna, las lenguas y la literatura. Cali: Universidad del Valle, 2007.

BARZOTTO, V. H.; BARBOSA, M. V. (Orgs.) **Leitura, Escrita e pesquisa em Letras**: análise do discurso de textos acadêmicos. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

CISNEROS, M. **Lectura y escritura en estudiantes universitarios**: un estudio de caso en la universidad tecnológica de Pereira. Base internacional bibliográfica sobre Lectura y Escritura da Universidad Tecnológica de Pereira, Colombia, 2014.

FAIRCHILD, T. M. A Constituição do Dado em Escritos Sobre a Prática de Ensino de Língua: Análise Discursiva de Relatórios e Artigos. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(55.3): 757-776, set./dez. 2016.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SILVA, H. E. F.; GOMES, S. E. S.; MORHY, S. S. (Orgs.). **A aula como escrita: ensino de línguas e formação de professores na produção acadêmica**. (no prelo)